

REVISTA PHILOLOGUS

ISSN 1413-6457



**Rio de Janeiro – Ano 21 – Nº 61
Janeiro/Abril – 2015
Suplemento: Anais do VII SINEFIL**

R454

Revista Philologus / Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. – Ano 21, Nº 61, (jan./abr.2015) – Rio de Janeiro: CiFEFiL. 1273 p. il.

Suplemento: *Anais do VII SINEFIL*

Quadrimestral
ISSN 1413-6457

1. Filologia – Periódicos. 2. Linguística – Periódicos.
I. Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

CDU 801 (05)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

EXPEDIENTE

A *Revista Philologus* é um periódico quadrimestral do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CIFEFiL) que se destina a veicular a transmissão e a produção de conhecimentos e reflexões científicas, desta entidade, nas áreas de filologia e de linguística por ela abrangidas.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

Editora

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CIFEFiL)

Boulevard Vinte e Oito de Setembro, 397/603 – 20.551-030 – Rio de Janeiro – RJ

pereira@filologia.org.br – (21) 2569-0276 e **http://www.filologia.org.br/revista**

Diretor-Presidente:	Prof. Dr. José Pereira da Silva
Vice-Diretor-Presidente:	Prof. Dr. José Mario Botelho
Primeira Secretária:	Profa. Dra. Regina Céli Alves da Silva
Segunda Secretária:	Profa. Me. Eliana da Cunha Lopes
Diretor de Publicações	Profa. Me. Anne Caroline de Moraes Santos
Vice-Diretor de Publicações	Profa. Me. Naira de Almeida Vellozo

Equipe de Apoio Editorial

Constituída pelos Diretores e Secretários do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CIFEFiL). Esta Equipe é a responsável pelo recebimento e avaliação dos trabalhos encaminhados para publicação nesta *Revista*.

Redator-Chefe: José Pereira da Silva

Conselho Editorial

Alicia Duhá Lose	Álvaro Alfredo Bragança Júnior
Angela Correa Ferreira Baalbaki	Bruno Rêgo Deusdará Rodrigues
João Antonio de Santana Neto	José Mario Botelho
José Pereira da Silva	Maria Lucia Leitão de Almeida
Maria Lúcia Mexias Simon	Mário Eduardo Viaro
Nataniel dos Santos Gomes	Regina Céli Alves da Silva
Ricardo Joseh Lima	Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz

Diagramação, editoração e edição	José Pereira da Silva
Editoração eletrônica	Silvia Avelar Silva
Projeto de capa:	Emmanuel Macedo Tavares

Distribuição

A *Revista Philologus* tem sua distribuição endereçada a instituições de ensino, centros, órgãos e institutos de estudos e pesquisa e a quaisquer outras entidades ou pessoas interessadas em seu recebimento mediante pedido e pagamento das taxas postais correspondentes.

REVISTA PHILOLOGUS VIRTUAL
www.filologia.org.br/revista

SUMÁRIO

Editorial	14
1. PROGRAMAÇÃO.....	16
2. RESUMOS	42
3. TEXTOS COMPLETOS.....	105
3.1. A alfabetização e o letramento na correção de fluxo: uma análise discursiva	106
<i>Valdirene Rosa do Nascimento Hora Estevam e Silvane Aparecida de Freitas</i>	
3.2. <i>A Canção dos Nibelungos: aproximações à obra</i>	117
<i>Wanderson Fernandes Fonseca e Ana Aparecida Arguelho de Souza</i>	
3.3. A concordância no predicado nominal: nominal mesmo?.....	128
<i>Luiz Leandro Gomes de Lima e Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros</i>	
3.4. A construção da imagem de Dilma Rousseff através do discurso político	138
<i>Deivide da Silva Fonseca</i>	
3.5. A construção e reconstrução da leitura nos processos de alfabetização e letramento: da oralidade à escrita	158
<i>Carla Sarlo Carneiro Chrysóstomo</i>	
3.6. A contribuição histórico-cultural dos nipônicos em Mato Grosso Do Sul: uma abordagem historiográfica	173
<i>Daniele Akemi Oshiro Zanoni e Miguél Eugenio Almeida</i>	
3.7. A crítica genética e os textos literários: um diálogo com outros saberes	182
<i>Adna Evangelista Couto dos Santos</i>	
3.8. A desconstrução das vozes no discurso de uma futura professora de inglês: investimentos e identidades imaginadas	198
<i>João Fábio Sanches Silva</i>	

- 3.9. A diversidade linguística e o ensino de língua materna: o papel da sociolinguística213
André Suehiro Matsumoto e Marilene Rodrigues de Araújo Campos
- 3.10. A etiologia do culto a Jupiter Elicius segundo o terceiro livro dos *Fastos* de Ovídio222
Eliana da Cunha Lopes
- 3.11. A hipertextualidade no *Dicionário Longman* e a posição do leitor no percurso de leitura233
Thiago Soares de Oliveira
- 3.12. A historiografia linguística de libras e a descrição do século XIX e XXI247
Magno Pinheiro de Almeida
- 3.13. A iconicidade e arbitrariedade na libras262
Vanessa Gomes Teixeira
- 3.14. A ilusão de imparcialidade e de neutralidade no jornalismo *on-line* de campo grande (MS)270
Marcelo Eduardo da Silva e Aline Saddi Chaves
- 3.15. A interdisciplinaridade e o ensino: reflexões basilares sobre educação em língua portuguesa285
Thiago Soares de Oliveira
- 3.16. A leitura do texto literário no ensino fundamental: um relato de experiência301
Maria Socorro Aparecida Araujo Barbosa, Flávia Martins Malaquias, Valdinéia Marcondes Vieira e Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros
- 3.17. A libras e as histórias em quadrinhos: conhecendo o mundo das fantasias311
Magno Pinheiro de Almeida e Nataniel dos Santos Gomes
- 3.18. A noção de discurso: Orlandi e Benveniste318
José Roberto Pinto
- 3.19. A palavra e o contexto discursivo: uma reflexão interdisciplinar331
Thiago Soares de Oliveira

- 3.20. A representação discursiva de alunos sobre o Programa Educacional de Resistência às Drogas345**
Dieny Graciely Souto de Souza Melo e Aline Saddi Chaves
- 3.21. A revitalização da *Revista Brasileira de Filologia* criada por Serafim da Silva Neto.....359**
José Pereira da Silva
- 3.22. Abordagens sociointeracionista e intercultural no livro didático de língua alemã: um estudo de caso366**
Cristiane Schmidt e Ciro Damke
- 3.23. Acadêmicos terenas em sociologia história da resistência e a busca da integração383**
Maria Regina de Moraes e Silvane Aparecida Freitas
- 3.24. Álvaro Bomilcar e a “língua brasileira”: do *Almanack Corumbaense* à revista *Gil Blas* – uma visão diacrônica394**
Eliane Santos Paulino e Nataniel dos Santos Gomes
- 3.25. Análise crítica do discurso e argumentação: a construção da imagem do réu no discurso jurídico402**
Daniela da Silveira Miranda
- 3.26. Análise diacrônica da ordem V-DP/DP-V com verbos inacusativos no português europeu418**
Shélida da Silva dos Santos, Humberto Soares da Silva e Maria Eugênia Lammoglia Duarte
- 3.27. Análise funcional de procedimentos de modalização textual 429**
Naiara Martins da Costa e Rosane Garcia Silva
- 3.28. Análise pragmática e semântica do discurso de tirinhas de quadrinhos humorísticos e charges440**
Rhullielton Pereira Lechner de Albuquerque e Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros
- 3.29. As transformações sociais e culturais presentes nas músicas de Tião Carreiro e Pardinho459**
Ramon Amancio Solles e Nataniel dos Santos Gomes
- 3.30. Breve análise da adaptação da obra de Machado de Assis – *Helena*471**

Lucas Recalde, Catarina Santos Capitulino e Nataniel dos Santos Gomes

- 3.31. Breve estudo do trabalho de face presente nas tirinhas em quadrinhos481**
Roselaine Santana da Silva e Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros
- 3.32. Breve estudo sobre as figuras de linguagem presentes nas tirinhas em quadrinhos492**
Laís Rigolin Chaves e Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros
- 3.33. Brinquedos e brincadeiras: questões de gênero, poder e resistência512**
Mariana Ferreira da Silva
- 3.34. Cibele perde sua alma: o percurso do sujeito sem agência em *Corações Vagabundos*531**
Mariuchi Alves da Silva, Vanessa dos Santos Ferreira e Lucilo Antonio Rodrigues
- 3.35. Cinema e quadrinhos: uma análise da obra *Nikopol*, de Enki Bilal539**
Taís Turaça Arantes e Nataniel dos Santos Gomes
- 3.36. Composições poéticas de Joaquim Embiruçu em *O Conservador*: uma proposta de edição interpretativa551**
Nair Caroline Santos Ramos e Maria da Conceição Reis Teixeira
- 3.37. Discurso político e argumentação nas redes sociais: um jogo de representações571**
Zilda Gaspar Oliveira de Aquino e Renata Palumbo
- 3.38. Discutindo a linguística sistêmico-funcional em relatórios de estágio supervisionado de licenciaturas paraenses590**
Bruno Gomes Pereira
- 3.39. Educação de jovens e adultos: comparações nos discursos orais605**
Jorge Luiz Clemente Gomes, Gerson Tavares do Carmo e Cristiana Barcelos da Silva

- 3.40. Educação de jovens e adultos: linguagem, informação e comunicação620**
Cristiana Barcelos da Silva e Gerson Tavares do Carmo
- 3.41. Ensino de gramática no século XXI: considerações sobre padronização gramatical e variação linguística636**
Thiago Soares de Oliveira
- 3.42. Formação de palavras com o uso da rede social Facebook ..652**
Ana Claudia Rocha Amaral Figueiredo, Patrícia Damasceno Fernandes e Nataniel dos Santos Gomes
- 3.43. Gênero conto maravilhoso: uma experiência de produção de texto660**
Marilene Rodrigues de Araújo Campos e André Suehiro Matsumoto
- 3.44. Gêneros discursivos e formação de leitores: o surgimento de um “novo” gênero em uma perspectiva de transposição didática670**
Sonia Gonçalves Batista e Aline Saddi Chaves
- 3.45. Gêneros escolares: entrevista e contação de histórias: a oralidade na escola685**
Fátima Eveline Vareiro Teixeira, Valdinéia Marcondes Vieira e Marlon Leal Rodrigues
- 3.46. Grau: flexão ou derivação? Análise e abordagem na visão das gramáticas tradicionais e dos linguistas701**
Karen Fernanda Pinto de Lima, Márcia Aparecida Alberto Magalhães e Alexandre Melo de Sousa
- 3.47. Histórias em quadrinhos na batalha a favor da leitura ..713**
Ketlyn Kelly de Carvalho Ricardo, Suzi Tomassini de Souza e Nataniel dos Santos Gomes
- 3.48. Interdiscurso e memória discursiva na constituição da imagem indígena no MS720**
Nara Maria Fiel de Quevedo Sgarbi e Alexandra Aparecida de Araújo Figueiredo
- 3.49. Investimentos e identidades imaginadas de futuros professores de inglês730**
Cinthia Maria da Fontoura Messias e João Fábio Sanches Silva

- 3.50. Itens de “análise linguística” no Novo ENEM e no SAERJINHO: perspectivas750**
Renata da Silva de Barcellos
- 3.51. Leitura, compreensão e interpretação na dinâmica da sala de aula781**
Gisele Teixeira da Silva Souza e Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros
- 3.52. Leitura do gênero propaganda em sala de aula: uma perspectiva discursiva795**
André Suehiro Matsumoto e Silvane Aparecida de Freitas
- 3.53. Letramento literário: desenvolvimento do senso crítico do aluno805**
Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges e Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros
- 3.54. Liberdade sexual feminina em Valentina de Guido Crepax 814**
Taís Turaça Arantes, Talita Galvão dos Santos e Nataniel dos Santos Gomes
- 3.55. Menções ao sexo: gírias e jargões para falar “daquilo” na adolescência821**
Wagner Pavarine Assen e Nataniel dos Santos Gomes
- 3.56. Menções ao sexo nas canções brasileiras: onomatopeias para falar “daquilo”830**
Edson Geraldo Spotti Silva Rego, Wagner Pavarine Assen e Nataniel dos Santos Gomes
- 3.57. Monotongação e ditongação no português: um estudo diacrônico837**
Claudinei Marques dos Santos, Miguél Eugenio Almeida e Marlon Leal Rodrigues
- 3.58. Netspeak: linguagem escrita ou oral?853**
Aparecido Devanir Fernandes e Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros
- 3.59. Nós foi na feira. É assim que nós fala lá em casa! Língua e sociedade nas aulas de leitura e escrita864**
Vicentina dos Santos Vasques Xavier, Marly Custódio da Silva e Marlon Leal Rodrigues

- 3.60. O discurso do/sobre o professor readaptado e seus sentidos..... 877**
Tatiane Feitosa dos Santos e Aline Saddi Chaves
- 3.61. O falar rural no centro-oeste brasileiro: nomeações para “forquilha”888**
Luciene Gomes Freitas Marins e Aparecida Negri Isquerdo
- 3.62. O gênero *almanack* como difusor da língua brasileira903**
Eliane Santos Paulino, Luciene Cristina Paredes Müller e Nataniel dos Santos Gomes
- 3.63. O imaginário discursivo do professor de língua portuguesa 910**
Sílvia Cristina do Amaral Almeida e Silvane Aparecida de Freitas
- 3.64. O jargão evangélico: aspectos sociolinguísticos das expressões do cristão contemporâneo – identificando as comunidades falantes920**
Wagner Pavarine Assen e Nataniel dos Santos Gomes
- 3.65. O medievalismo na edição científica de textos brasileiros 928**
José Pereira da Silva
- 3.66. O papel domesticador do antropólogo e do tradutor em diálogo946**
Fabício Henrique Meneghelli Cassilhas e Rosvitha Friesen Blume
- 3.67. O texto literário nas obras didáticas dos anos finais do ensino fundamental – um desafio em fragmentos961**
Flávia Martins Malaquias, Maria Socorro Barbosa, Valdinéia Marcondes Vieira e Daniel Abrão
- 3.68. O uso do hipertexto no estudo dos gêneros textuais orais e escritos: aplicação prática974**
Ângela Maria dos Santos e Nataniel dos Santos Gomes
- 3.69. Olhar discente, satisfação e importância: uma experiência no Instituto Federal Fluminense987**
Jorge Luiz Clemente Gomes e Cristiana Barcelos da Silva

- 3.70. Orfeu Brasílico (1736): tradução e estudo da forma poemática *elogium*1000**
Cristina Mascarenhas da Silva e Thissiane Fioreto
- 3.71. Os contrastes culturais, sociais e ideológicos entre personagens do filme “Sete Anos no Tibet” sobre a perspectiva da sociolinguística1015**
Marlene dos Santos Limieri Dualibe e Natalina Sierra Assêncio Costa
- 3.72. Os impactos da produção agroecológica na inserção social de indígenas de Cachoeirinha, Miranda, Mato Grosso do Sul 1022**
Evelyne Gregório Xavier e Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros
- 3.73. Os processos de formação de neologismos: uma análise nas redes sociais1037**
Patricia Damasceno Fernandes, Natalina Sierra Assêncio Costa, Ana Claudia Rocha Amaral Figueiredo e Nataniel dos Santos Gomes
- 3.74. Os róticos nos contos acumulativos: notas de transcrição da oralidade para a escrita1050**
Marlene Balbuena de Oliveira Ortega e Miguél Eugenio Almeida
- 3.75. Parentetização de verbos de atividade mental no português falado e escrito1067**
Solange de Carvalho Fortilli
- 3.76. Prática exploratória: o relato de experiência de uma professora iniciante de inglês1078**
Ludmyla Picanço Ayala e Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros
- 3.77. Práticas de ensino do texto dissertativo-argumentativo: a preparação para a prova discursiva do ENEM1086**
Gabriela Pires Donadel e Aline Saddi Chaves
- 3.78. Produção de textos na escola: uma análise das aulas de língua portuguesa no município de Brasilândia (MS)1098**
Clarice Karen de Jesus

- 3.79. Refletindo sobre a construção ideológica em letras de músicas infantis: uma análise da estética de “Xuxa Só Para Baixinhos”1107
Bruno Gomes Pereira
- 3.80. Reinterpretando a cidadania: “Sabe com quem está falando” x *Lucíola* – uma reflexão sobre a formação da nação e identidade brasileira1118
André Luís Gomes e Elisabeth Henrique César
- 3.81. Relato de experiência: leitura como processo de ressignificação da experiência do aluno1138
Gunther Barbosa e Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros
- 3.82. Sequência didática: uma proposta para o desenvolvimento da consciência fonológica e das práticas de leitura, escrita e letramento1146
Hermínia Silva de Souza e Lindinalva Messias do Nascimento Chaves
- 3.83. Textos da antiguidade que apontam para estratégias retóricas no uso comum de metáforas nas cartas de Sêneca a Lucílio e de Paulo aos coríntios1155
Zilda Andrade Lourenço dos Santos e Leni Ribeiro Leite
- 3.84. Tiras das histórias em quadrinhos nos livros didáticos nas temáticas de gênero, sexualidade e diversidade1164
Catarina Santos Capitulino, Lucas Recalde e Nataniel dos Santos Gomes
- 3.85. Um estudo da adaptação em quadrinhos de *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry1175
Caroline Araújo Figueiredo e Nataniel dos Santos Gomes
- 3.86. Um estudo linguístico na EJA: breves observações1185
Cristiana Barcelos da Silva e Gerson Tavares do Carmo
- 3.87. Um estudo sobre a adaptação do conto *O Enfermeiro*, de Machado de Assis, para histórias em quadrinhos e sua abordagem no ensino fundamental1199
Talita Galvão dos Santos, Ramon Amancio Solles, Taís Turança Arantes e Nataniel dos Santos Gomes

- 3.88. “Uma pistola para Djeca”: a obra cinematográfica de Mazaropi em aplicações interdisciplinares1208**
Wagner Pavarine Assen, Alexandre Sogabe, Rodrigo Vieira Arce e Nataniel dos Santos Gomes
- 3.89. Uma proposta de ensino do gênero exposição oral1219**
Marcia Aparecida Alberto Magalhães e Lindinalva Messias do Nascimento Chaves
- 3.90. Uma reflexão sobre a obrigatoriedade da disciplina de português como segunda língua para alunos surdos no curso de letras1226**
Karine Albuquerque e Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros
- 3.91. Uma visão sociolinguística de ensinar e aprender inclusão com Maurício de Sousa1236**
Eva Mara Caetano, Karine Albuquerque e Nataniel dos Santos Gomes
- 3.92. Virge santa! Um elefante! I ele é vrede! Qui surrear... Chico Bento, de Gustavo Duarte, em Pavor Espaciar1249**
Marly Custódio da Silva, Vicentina dos Santos Vasques Xavier e Nataniel dos Santos Gomes
- 3.93. VoTec – fazer terminológico: a microestrutura em dicionários virtuais1262**
Márcio Issamu Yamamoto

**OS IMPACTOS DA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA
NA INSERÇÃO SOCIAL DE INDÍGENAS
DE CACHOEIRINHA, MIRANDA, MATO GROSSO DO SUL**

Evelyne Gregório Xavier (UEMS)

evelyne.xavier@hotmail.com

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)

chaves.adri@hotmail.com

RESUMO

Em 2013, durante a execução das atividades do Projeto Gestão Ambiental e Territorial Indígena, numa parceria com instituições de ensino superior de Mato Grosso do Sul, o Instituto Federal deste Estado e demais colaboradores, dentre eles, uma das autoras deste artigo, iniciou-se a sistematização do processo de produção agroecológica, na aldeia Terra Indígena Cachoeirinha, localizada no município de Miranda, em Mato Grosso do Sul. Desde então, o trabalho vem sendo desenvolvido no intuito de divulgar, por meio de mídias digitais, as atividades agroecológicas terenas e promover o fortalecimento de suas práticas agrícolas, uma vez que são consideradas principais características identitárias desse povo. Assim, esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre os impactos do trabalho com a produção agroecológica, na inserção social desses indígenas. Para isto, buscou-se ouvir os seus discursos, procurando entender a relação entre suas práticas diferenciadas de produção e seu reposicionamento na sociedade. A fim de registrar tais impactos, realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa, gravando entrevistas feitas com indígenas da aldeia envolvidos neste projeto, transcrevendo e, finalmente, analisando os discursos desses agricultores, a partir dos conceitos da sociolinguística interacional, área de estudo na qual a pesquisa se insere. Observouse que as práticas inovadoras de produção agrícola ecológica vêm promovendo a inclusão digital e social desses indígenas, contribuindo para melhoria da qualidade de suas vidas.

Palavras-chave: Agroecologia. Inserção social. Indígena. Tereña. Discurso.

1. Introdução

O presente trabalho foi desenvolvido a partir da vivência de uma das autoras, indígena da aldeia Terra Indígena de Cachoeirinha, com as experiências agroecológicas de seu povo.

Agroecologia é um campo do conhecimento de natureza multidisciplinar, que tem por finalidade contribuir para a construção de práticas agrícolas de base ecológica, tendo como base, os ideais da sustentabilidade numa perspectiva multidimensional.

Pressupõe um enfoque científico no apoio à transição dos modelos

de desenvolvimento rurais e agrícolas convencionais para aqueles mais sustentáveis, transformando os modelos agroquímicos e de monoculturas que já tenham se mostrado insustentáveis, em formas de agriculturas que incorporem princípios e tecnologias de base ecológica. (CAPORAL & COSTABEBER, 2000).

Para tal parte-se do conhecimento local, respeita-se e incorpora-se o saber popular, buscando integrá-los aos conhecimentos científicos, na construção e expansão de novos saberes socioambientais.

Por essas razões, pode-se afirmar que a agroecologia implica mais do que substituições de práticas agrícolas tradicionais em outras sustentáveis, uma vez que contempla necessariamente, mudanças nos aspectos políticos, econômicos e socioculturais, bem como, nas atitudes e valores dos atores sociais envolvidos nesse processo.

Norteados pelos atuais conceitos de produção agrícola, em 2013, durante as atividades do Projeto Gestão Ambiental e Territorial Indígena (GATI), uma parceria com universidades de Mato Grosso do Sul, o Instituto Federal do Estado e demais colaboradores, dentre eles, uma das autoras deste artigo, iniciou-se a sistematização do processo de produção agroecológica, na aldeia Terra Indígena de Cachoeirinha, em Miranda (MS).

Desde então, o trabalho vem sendo desenvolvido no intuito de divulgar, por meio de mídias digitais, as atividades agroecológicas terenas e promover o fortalecimento de suas práticas agrícolas, uma vez que são consideradas principais características identitárias desse povo.

Assim, com o interesse nas mudanças de atitudes e valores dos atores sociais pressupostas pela agroecologia, esta pesquisa tem por objetivo refletir sobre os impactos do trabalho com a produção agroecológica, na inserção social desses indígenas nos aspectos referentes à qualidade de vida, às práticas sustentáveis, à autoestima, à aquisição de conhecimentos e à capacitação digital.

Buscou-se ouvir os seus discursos, procurando entender a relação entre suas práticas diferenciadas de produção e seu reposicionamento na sociedade.

Destaca-se a relevância desta pesquisa, uma vez que as pesquisadoras e autoras deste artigo foram pioneiras em ouvir, dos próprios indígenas agricultores, suas impressões sobre tais impactos.

Realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa, gravamos entrevistas feitas com indígenas da aldeia envolvidos neste projeto, transcrevemos e, finalmente, analisamos os discursos desses agricultores, considerando os conceitos da sociolinguística interacional, área de estudo na qual esta pesquisa se insere.

Observou-se que as inovadoras práticas de produção agrícola ecológica vêm promovendo a inclusão digital e a social desses indígenas, contribuindo também, para a melhoria da qualidade de suas vidas.

2. Agroecologia

Segundo Altieri (2001), a agroecologia é a ciência que estuda, analisa, dirige, desenha e avalia agroecossistemas, a fim de permitir a implementação e o desenvolvimento de estilos diversos de agricultura, com foco na sustentabilidade. Mais ainda, a agroecologia busca integrar os saberes históricos dos agricultores aos conhecimentos de diferentes ciências, permitindo a compreensão, a análise e a crítica do atual modelo de agricultura, bem como o estabelecimento de novos caminhos para o desenvolvimento rural e novos desenhos de fazeres agrícolas mais sustentáveis, através de uma abordagem transdisciplinar e holística.

Para Casado, Molina e Guzman (2000), a agroecologia constitui o campo do conhecimento que promove o manejo ecológico dos recursos naturais, através de formas de ação social coletiva, que apresentam alternativas às práticas atuais, por meio de propostas de desenvolvimento participativo.

Como afirmam os autores (2000), os elementos centrais da agroecologia podem ser agrupados em três dimensões, a saber: ecológica e técnico-agronômica; socioeconômica e cultural; além da sociopolítica.

Essas dimensões se entrecruzam e influenciam uma à outra, de modo que estudá-las, entendê-las e propor alternativas supõe, necessariamente, uma abordagem inter, multi e transdisciplinar, razão pela qual os agroecólogos e seus seguidores beneficiam-se de ensinamentos de diferentes áreas do conhecimento.

Esse novo paradigma de produção agrícola nutre-se de diversas disciplinas científicas, além dos saberes, conhecimentos e experiências dos agricultores envolvidos. Além disso, permite o estabelecimento de conceitos metodológicos e estratégicos com maior capacidade para orien-

tar, não apenas o desenho e manejo de agroecossistemas mais sustentáveis, mas também processos mais humanizados de desenvolvimento rural, na medida em que busca, nos conhecimentos e experiências já acumulados, um método de estudo e de intervenção que contribua para transformações sociais.

3. Contexto da pesquisa

Tradicionalmente, para os indígenas da aldeia Terra Indígena de Cachoeirinha, a atividade agrícola é importante, pois, além de significar sua subsistência, é também, uma oportunidade para transferirem os valores terenos de pai para filho, a respeito do trabalho coletivo e principalmente, pela agricultura indígena, que é sagrada.

O sistema de produção agroecológica, implementado a partir de 2013, vem despertando suas formas tradicionais de cultivar a terra e ocasionando mudanças de ordem social, ambiental, econômica e cultural.

Como exemplo, podemos citar os jovens, que pela facilidade na aquisição de bebidas alcoólicas, colocam-se, muitas vezes, em situação de vulnerabilidade social, de desestruturação familiar e êxodo para os grandes centros (XAVIER, 2014).

Diante desse cenário ameaçador, observamos que a presença dos jovens nas atividades agrícolas tem influenciado suas vidas positivamente, mantendo-os ocupados por um motivo sério, interessados nas atividades agrícolas da família e ávidos pelos novos conhecimentos.

Não obstante, algumas comunidades indígenas vêm resistindo aos avanços do agronegócio sobre suas terras, que visam o acúmulo de capital e a alta produtividade, desconsiderando o limite da natureza e os princípios da vida.

A implementação da agroecologia como forma de melhoria da qualidade de vida nas aldeias do estado do Mato Grosso do Sul é, portanto, um desafio a ser conquistado.

4. Descrição da experiência

Em 2013, projeto Gestão Ambiental e Territorial Indígena (GATI), executado pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), com recursos do

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Fundo Global pelo Meio Ambiente (GEF, sigla em inglês) e FUNAI iniciou o processo de implementação da agroecologia na aldeia Terra Indígena de Cachoeirinha, em Miranda – MS.

Através de diversas oficinas de formação na área da agroecologia e captação em tecnologias digitais, conseguiram envolver vinte e quatro núcleos familiares que iniciaram suas atividades agroecológicas, em 1.000 m² de agrofloresta, por núcleo familiar e atrair o interesse dos jovens indígenas.

Faziam parte desses grupos, representantes de vários segmentos sociais terenas, a saber, lideranças, professores, mulheres, homens, anciãos, rezadores, caciques e jovens.

As atividades do Projeto GATI foram fotografadas e publicadas no AGROECOL 2014 (1º Seminário de Agroecologia da América do Sul, o 5º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul), a fim de divulgar o trabalho, assegurar e incentivar a participação de todos nesse processo.





No momento, cerca de dez jovens vêm atuando diretamente nos

trabalhos, realizados com a parceria de instituições públicas de Mato Grosso do Sul (IFMS, UFMS, UEMS), PNUD e colaboradores voluntários em atividades como capacitações em agroflorestal, compostagem, vermicompostagem, produção de mudas, cultivos de espécies agrícolas, coleta e conservação de sementes, manejo de agrofloresta, conservação e recuperação de nascentes.

Participam também das reuniões de rotina para discussão dos direitos indígenas, valorização dos saberes agrícolas terenas e das problemáticas ambientais que afetam a aldeia, além de fazerem a cobertura fotográfica e audiovisual das atividades descritas que, posteriormente são editadas para produção de vídeos e divulgação via internet.

A aldeia Terra Indígena de Cachoeirinha vem socializando suas práticas agroecológicas no mundo cibernético e, se firmando como espaços produtores de conhecimentos, principalmente através da página na rede social *Facebook*, “GATI Aldeia Cachoeirinha”, gerenciada por eles próprios.

A inclusão digital vem contribuindo para resgatar e fortalecer a relação do jovem com a terra, despertar os valores tradicionais terenas de respeito e valorização da natureza, incentivar o hábito cultural de produzir o próprio alimento, além de estarem se tornando agentes protagonistas de mudanças em suas próprias comunidades.

O domínio da tecnologia digital pelos jovens terenas, também está permitindo registrar os rituais sagrados e os cânticos terenas, cada vez mais ausentes nas comunidades.

O grupo de jovens vem ampliando suas perspectivas sobre a tecnologia digital o que possibilitou determinar a Terra Indígena Cachoeirinha como a sede do 6º Fórum de Inclusão Digital nas Aldeias (FIDA), idealizada pela Associação Cultural dos Realizadores Indígenas (ASCURI). A divulgação das iniciativas terenas vem aumentando a rede de parceria dessa comunidade e prevendo a execução de novas ações voltadas para a agroecologia.

Espera-se usar os materiais audiovisuais que, foram produzidos durante as atividades agroecológicas, em formações futuras de novos grupos.

5. Aspectos metodológicos da pesquisa

A fim de compreender e produzir registros sobre os impactos da produção agroecológica na inserção social dos agricultores da aldeia Terra Indígena de Cachoeirinha realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa interpretativa, por meio da qual se buscou refletir e explorar os dados para formar entendimentos do contexto pesquisado.

Em pesquisa qualitativa, o pesquisador entra em campo trazendo consigo toda uma bagagem intelectual e experiência de vida. No caso desta pesquisa, uma das pesquisadoras, indígena da aldeia Terra de Cachoeirinha e, atualmente, aluna da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, foi a campo e entrevistou a sua própria comunidade, o que possibilitou maior aproximação da investigadora com o objeto e os sujeitos investigados.

Os registros foram feitos através de entrevistas individuais e gravadas, onde os entrevistados falaram sobre suas novas práticas de produção agrícola, fazendo comentários e dando suas opiniões e impressões.

As entrevistas foram feitas em caráter aberto, ou seja, as questões não foram pré-determinadas e assemelharam-se a uma conversa, o que possibilitou uma visão subjetiva dos participantes da pesquisa e a ação interpretativa da pesquisadora.

Basicamente, a pesquisadora perguntou sobre os impactos das atividades agroecológicas em suas vidas cotidianas, nos aspectos referentes à qualidade de vida, às práticas sustentáveis, à autoestima, à aquisição de conhecimentos e à capacitação digital.

As entrevistas foram transcritas e analisadas sob à luz da sociolinguística interacional, uma vez que esta propõe o estudo da organização social do discurso em interação, destacando a natureza dialógica da comunicação humana e o trabalho social e linguístico implícito na (co)-construção do significado e da ação. Além disso, compreende a linguagem como fenômeno social e analisa a língua em uso, considerando a construção e a negociação de significados por parte dos participantes da interação, pois, segundo essa abordagem, os interlocutores têm papéis ativos na elaboração da mensagem.

Mais ainda, considerando o caráter social da linguagem, a sociolinguística interacional concentra seus estudos em torno da língua mediante comunicação entre indivíduos e o contexto no qual esse contato se estabelece, observando-se a reação do falante frente a determinado ambi-

ente social dentro de situações de interação. Analisando a construção do discurso, direciona-se ao falante e seu posicionamento ao estabelecer relação com o outro, consigo próprio e com o assunto de que trata, projetando-se e tomando uma postura, razões pelas quais foi escolhida para apoiar a análise da interação nesta pesquisa.

As entrevistas audiovisuais foram realizadas com os seguintes sujeitos: um senhor, dois jovens, duas mulheres e um homem, todos envolvidos no projeto GATI.

O primeiro entrevistado será chamado neste artigo de André (nome fictício). Seu André é um senhor de 75 anos, respeitado e de conduta considerada exemplar entre os demais indígenas. Ele mora na aldeia Cachoeirinha desde a sua juventude.

Ao segundo entrevistado, demos o nome fictício de José. Esse é um indígena trabalhador, de fortes opiniões e conhecedor sobre qualquer assunto relacionado à agricultura indígena. Abraça toda ideia positiva que beneficie a sua comunidade.

A terceira entrevistada foi Dona Ana (nome fictício), uma mulher muito trabalhadora, forte e que preza pela qualidade de vida da sua família e do seu povo.

Dona Marlene (nome fictício) é uma senhora de 43 anos é professora e entusiasmada com tudo que pode beneficiar a sua comunidade indígena.

O quinto entrevistado foi chamado ficticiamente de Davi e dá muita importância aos conhecimentos e a qualidade de vida que adquirir com as novas práticas agrícolas.

Luís é o nome fictício dado ao sexto e último entrevistado, um jovem rapaz e orgulhoso dos seus novos conhecimentos tecnológicos, obtidos por meio do projeto GATI.

6. Análise

Foi através dos discursos dos indígenas, agricultores agroecológicos entrevistados que pudemos observar a relação entre suas práticas diferenciadas de produção e alguns fatores que nos indicam seus reposicionamentos na sociedade.

6.1. Qualidade de vida

Ao serem perguntados sobre os impactos dessa nova maneira de trabalhar nas suas vidas, percebemos que os entrevistados se sentem satisfeitos e acreditam que agora possuem mais qualidade de vida, como percebemos nos extratos de suas entrevistas, a seguir:

S. André (senhor de 75 anos):

Poxa, minha vida tava abandonada, não tinha um jeito de trabalhar e agora, com o GATI, fiquei muito contente, me veio mais coragem, mais ânimo para plantar. A qualidade de vida mudou muito porque plantei muitas coisas boas e tá ali. Eu ficava muito triste na minha vida e eu começava a toma cachaça, bebida, andava com a barriga magra por aí, ia pra cidade e não voltava.

S. José (homem):

Eu como agricultor, mudei bastante minha opinião na questão de alimentação, que é mais sadio, e a gente percebeu que baixou as doenças como diabetes, hipertensão, e melhorou sim a parte financeira, temos uma renda de quase dois salários por mês.

D. Ana (mulher):

Já melhorou muito a nossa saúde, já temos nossa própria colheita e eu, mãe de 9 filhos, essa Terra foi preciosa porque aqui a gente planta, colhe, vende e também crio galinhas, porco e carneiro. Aqui temos nosso espaço e com quase três anos de projeto, hoje a gente colhe alimento sadio sem agrotóxico, hoje estamos colhendo melancia, já colhemos bananas, já plantamos e marretamos mandioca tudo do GATI e tudo pra gente sobrevive.

D. Marlene (professora):

a qualidade e a parte financeira aumentou para a minha renda familiar.

Davi (jovem):

Ainda tem muita coisa que vai mudar a minha qualidade de vida com o GATI, porque a maneira e a forma que os professores ensinou a gente a planta eu acredito que vamos aproveitar nossa terra e fortalecer nosso solo e a gente vai ter condições de apresenta para as pessoas e pra nossa família a qualidade, melhora na saúde e em muitos aspectos dentro da nossa comunidade.

Observamos que para S. José, D. Ana, D. Marlene e Davi, os ganhos são ligados à conscientização alimentar, à saúde e à melhor remuneração.

Para S. André, especificamente, trabalhar com a agroecologia contribuiu para que ele recuperasse sua autoestima, se mantivesse longe do álcool e próximo dos seus, na aldeia.

Eles se mostram sensíveis ao não uso de agrotóxicos e entendem os benefícios de se plantar sustentavelmente, nas suas vidas e nas dos seus filhos.

Davi, um dos jovens, acredita que ainda há muito para melhorar, mas se mostra esperançoso e confiante no projeto. Ele enxerga a importância de se divulgar o que fazem dentro e fora da aldeia.

6.2. Sustentabilidade

Conceitos de sustentabilidade também foram considerados ganhos, quando falaram dos benefícios trazidos pelas práticas agrícolas ecológicas, como podemos observar a seguir:

S. André (senhor de 75 anos):

As madeiras e as frutas que plantei estão crescendo e vai ser boa para os meus netos, bisneto, tudo vai ficar para eles.

S. José:

Pensa nas futuras gerações que vêm vindo e se preocupar com a água que já está faltando em alguns lugares. A maneira que nos ensinam tem um sentido sim mais pro meio ambiente, a gente aprende a plantar mais correto para a água que Deus manda se infiltra e não ter enchentes nem lixos na aldeia.

D. Ana:

Outra coisa importante é ver a juventude se empenha nessa questão, eles aprenderam não como é mexer na Terra e plantar.

Luís (jovem):

Registrar tudo e mostrar para as gerações futuras, esse é o objetivo, para não deixar nossa cultura indígena terrena morrer. Isso não faz de nós jovens, registrar somente a roça e sim, tudo que for interessante a comunidade. Como é tudo recente, os primeiros jovens estão pra resgatar mais, não deixá-lo perdido, sem saber o que fazer. Nós jovens, estamos como exemplo e pra ajudar nossos anciãos, nossos pais, nossa comunidade. Se sabemos um pouco sobre tecnologia, porque ajudar né? E o principal, como muitos jovens saem da aldeia a procura de serviço, acabam perdendo a cultura que é planta. E os jovens que estão no projeto, pensam sim, em dinheiro, mais pensam no futuro e com certeza, eu, como jovem, quero aprender com meus sábios e leva isso adiante.

Alguns entrevistados foram explícitos ao falarem sobre a manutenção dessas práticas no futuro, sobre o que vão deixar para as próximas gerações e sobre a preservação do planeta/humanidade.

Percebemos que estão conscientes, quanto ao uso responsável da água e aos cuidados que devem ter com o lixo.

Luís, o outro jovem, fala sobre a importância da preservação da cultura indígena.

6.3. Orgulho

Os entrevistados mostraram-se orgulhosos de serem agricultores.

S. André:

Tô firme pra segui a nossa carreira e mostra nosso trabalho.

S. José:

A repercussão é importante porque a gente tem que mostra que há um jeito de viver também equilibrando a natureza.

[...] A gente se orgulha deste trabalho e também somos importantes na sociedade pelo que fizemos e de se aparecer um pouco”.

D. Ana:

Aqui, a gente não rouba de ninguém, não pedimos pra ninguém, porque essa terra é nossa. A gente tá muito orgulhoso de tá produzindo o nosso alimento. Sempre vinham pessoas fala do projeto e esse projeto nunca chegava, com a graça de Deus, chegou o projeto GATI para nós com a ajuda da FUNAI e dos professores que vieram ajudar e incentivar a gente.

D. Marlene:

Sinto-me privilegiada por fazer parte de um projeto, importante na minha comunidade indígena.

Davi:

Eu acredito que principalmente aqui para os terenas essa repercussão cai muito bem, até porque, o pessoal tem uma visão distorcida com indígenas. Hoje no GATI, eu me sinto sim orgulhoso, antes, me sentia um anonimato e hoje, já conhecemos outros lugares e as pessoas já nos conhece e assim, me sinto importante na sociedade, eu e todos do grupo [...] Acredito que para algumas pessoas “brancas” ainda não mudaram porque elas são cegas com os indígenas e aqueles que querem e nos procuram, vê que não somos preguiçosos.

S. André chega a chamar sua atividade de carreira e S. José que valoriza a repercussão dos feitos da aldeia na sociedade.

S. José orgulha-se dos conhecimentos agrícolas de seu povo que, compartilhados e complementados com os conhecimentos modernos e tecnológicos, geraram práticas melhores. Sentem-se privilegiados. Eles se mostram gratos aos que os ajudaram.

6.4. Inclusão digital

Os jovens mostram-se agradecidos e satisfeitos com a aquisição de conhecimentos tecnológicos, trazidos pelo curso de capacitação digital.

Davi:

As oficinas e cursos nos ajudaram a melhorar as técnicas tradicionais para uma técnica sustentável. As técnicas utilizadas nas atividades agroflorestais

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

têm função de acrescentar e adequar as boas formas às atividades agrícolas tradicionais. A inserção digital é muito interessante, porque o relativo projeto torna-se objeto de estudo e pesquisa nas faculdades

Luís:

A inclusão digital facilitou para a divulgação dos trabalhos dos agricultores do GATI, mostrar o que realmente fazemos para mim, é uma honra, grava, fotografar, tirar dúvidas sobre agroflorestal é um trabalho muito importante.

S. André:

a divulgação que os jovens fizeram foi muito importante, tem que ter isso no meio de nós.

Seu José:

Os jovens são importantes porque são duas ferramentas que precisamos a teórica e a prática. Se não tiver a tecnologia, eles não vão conseguir desenvolver seu trabalho.

Dona Ana:

Eu fico feliz de ter você trabalhando pra sua comunidade, é bom sabe que tem uma jovem estudando por nós e levando nossa vida para fora. Como os outros dois jovens do projeto (Saulo e Marissol), que entraram na Engenharia Florestal/UEMS de Aquidauana, buscando conhecimento.

Dona Marlene:

Os jovens beneficiaram com os cursos e oficinas, além da interação com os mais experientes mantendo tempo para a pequena roça do dia a dia. Sinto-me valorizada em observar os trabalhos divulgados nas mídias locais e estaduais através dos jovens.

Jovem Davi:

Profissionais diz que o jeito que os terrenos plantam é a maneira que Deus gosta, os nossos ancestrais já plantavam assim e o curso veio pra nos ajudar ainda mais. Eu sou uma pessoa fez de afirmar que os jovens fizeram a diferença por divulgarem e registrarem os trabalhos agroflorestais e se possível, capacitarem mais nós, se o GATI é conhecido, é por causa dos jovens.

Os mais velhos têm esperanças nos jovens e veem vantagens em divulgar para o mundo, o trabalho que fazem na aldeia.

Todos reconhecem a importância da tecnologia para o futuro da aldeia e para a manutenção, bem como divulgação da cultura indígena.

7. Considerações finais

Ainda que este artigo não permita o aprofundamento da questão proposta em toda a sua amplitude, procuramos refletir, sobre os impactos do trabalho agroecológico na vida dos indígenas da aldeia de Cachoeirinha, nos seguintes aspectos referentes à inserção social: a qualidade de vida, as práticas sustentáveis, a autoestima, a aquisição de conhecimentos

e a capacitação digital.

O povo terena da Terra Indígena de Cachoeirinha, principalmente os membros do projeto GATI, tiveram um ganho considerável, no que diz respeito à produção agrícola, sem ter que abandonar a sua cultura.

Ouvir como eles eram antes da ida do projeto GATI e como se sentem beneficiados hoje, foi gratificante para as pesquisadoras. Pudemos observar que hoje, eles vivem melhor com os ganhos que tiveram.

Quanto aos benefícios para os jovens terenas, percebemos que a inclusão digital e o uso de tecnologias no auxílio das práticas agroecológicas da aldeia onde vivem, vêm despertando-os para a importância da terra, da agricultura de base ecológica, dos conhecimentos, da cultura de produzir o próprio alimento e da responsabilidade ambiental global.

Ainda, somam-se a essas vantagens, a oportunidade de divulgar a mobilização e as iniciativas agroecológicas que vêm ocorrendo nas terras indígenas, em resposta ao preconceito e discriminação veiculada pela mídia em massa.

Por fim, vemos como prática fundamental, que se promova a divulgação ampla dos avanços obtidos nesse processo, com o objetivo de difundir as formas de produção sustentáveis e limpas, socialmente justas, contribuindo para a autonomia das comunidades tradicionais e indígenas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. Da ideologia do progresso à ideia de desenvolvimento (rural) sustentável. In: ALMEIDA, J. NAVARRO, Z. *Reconstruindo a agricultura: ideias e ideais na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1998, p. 33-55.

ALTIERI, M. A. *Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. 3. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

ASSIS, R. L. de. *Agroecologia no Brasil: análise do processo de difusão e perspectivas*. 2002. 150 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova Extensão Rural. *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, vol. 1, n. 1, p. 16-37, jan./mar.2000.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

GUZMÁN CASADO, G.; GONZÁLEZ DE MOLINA, M.; SEVILLA GUZMÁN, E. (Coords.). *Introducción a la agroecología como desarrollo rural sostenible*. Madrid: Mundi-Prensa, 2000.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

XAVIER, E. G.; RODRIGUES, G. J; FAUSTINO, Â. A.; RODRIGUES, Z. C.; ANTONIO, L. Inclusão digital em comunidades terena de MS: estratégia para o fortalecimento cultural e agroecológico. *Cadernos de Agroecologia*, vol. 9, n. 4, nov.2014.